

Edu Teruki Otsuka

Era no Tempo do Rei
Atualidade das *Memórias de um
Sargento de Milícias*



Sumário

Agradecimentos.	9
Introdução.	11
1. Questões Preliminares	15
“Era no Tempo do Rei” (I)	15
Caracterização da Prosa	18
“Era no Tempo do Rei” (II).	22
Tipos, Desenvolvimento, Repetições	26
Fundamentos Histórico-sociais	35
2. O Mundo das Relações	43
Homens Livres Pobres	43
Empenhos e Cartuchos	51
O Agregado	54
3. Dinâmica Narrativa e seu Motor.	61
Vinganças em Moto-contínuo	61

Espírito Rixoso	69
Compensações Imaginárias	83
Guerra Civil do Trabalho	89
4. Peculiaridades e Implicações Formais.	97
Configuração da Subjetividade.	97
Problemas do Realismo.	107
História e Nacionalismo	116
5. Desfecho	129
Desfecho Narrativo, Nó Ideológico	129
Depois do Fim	138
6. Considerações Finais	143
Limites da Malandragem	143
Forma e Irrealização	148

EXCURSOS

1. Balanço da Crítica	159
2. Manuel Antônio de Almeida e a Escravidão	181
Bibliografia	193

Introdução

As *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854-1855) são comumente consideradas uma obra que destoa da linha predominante na produção literária de sua época. A singularidade do romance de Manuel Antônio de Almeida foi assinalada pela crítica de várias maneiras, e, como acontece com frequência, a ideia se tornou um lugar-comum que, de tão repisado, pouco contribui para a reflexão. Uma vez reconhecido o acerto (relativo) da constatação, tendeu-se a reafirmar o lugar à parte das *Memórias* por meio de indicações gerais, pautadas seja no cunho realista do romance (em contraste com as fabulações idealizantes dos românticos), seja na comicidade e na leveza da narração (em contraste com a seriedade e grandiloquência da literatura oficial), sem que isso explicasse de fato o caráter singular da obra para além dos aspectos superficiais*.

* Um breve balanço da fortuna crítica das *Memórias* é apresentado no Excurso 1.

A peculiaridade do romance, que só passou a ser mais valorizado no século xx, parecia separá-lo do ambiente literário de seu tempo, o que fazia das *Memórias* um acontecimento fora do comum, quem sabe um lance de gênio ou um golpe de sorte. Afinal, a obra havia surgido nos inícios do romance brasileiro, momento em que o escritor não dispunha de uma tradição forte de ficção em prosa em que pudesse apoiar-se; sem mencionar as tentativas menores, tinha como principais predecessores Teixeira e Sousa e Macedo (Alencar ainda não havia estreado quando Manuel Antônio escreveu os capítulos publicados semanalmente na “Pacotilha” do *Correio Mercantil*). O próprio surgimento de uma obra de qualidade especial em condições aparentemente desfavoráveis seria tomado como mais um fato que confirmava seu lugar à parte.

Este trabalho procura argumentar que a singularidade e a qualidade das *Memórias* se devem ao poder estruturante da matéria brasileira, apreendida e elaborada de maneira despreziosa, mas nem por isso desprovida de profundidade e alcance. A experiência histórica brasileira, com suas peculiaridades, liga-se a um conjunto problemático de relações sociais que é em grande parte tributário do sistema escravista-clientelista de matriz colonial e está articulado ao desenvolvimento do mundo moderno – o que também pode ser entendido como o modo específico pelo qual a modernização se concretiza no país periférico.

Como resultado desse amplo dinamismo histórico, a experiência brasileira configurada nas *Memórias* também se manifesta, indiretamente e em ponto pequeno, em vários aspectos corriqueiros da vida cotidiana (no caso, a do Rio de Janeiro do período joanino), como os costumes, os comportamentos, as relações interpessoais, as pressões sociais, as opiniões e ideias e o modo de ver os acontecimentos. A maneira particular com que a vida popular do Rio joanino é apresentada na narrativa é ela mesma enformada pela experiência brasileira, configurando um ponto de vista determinado. Assim, os recursos empregados na ordenação das cenas, nas descrições, nos episódios, nas ações e no fio do enredo também apontam para a particularidade

de do dinamismo social, sobretudo no modo como configuram o mundo das personagens.

A consideração do nexu histórico-social dos procedimentos artísticos empregados na composição ainda tem sido pouco explorada pelos estudos literários. Assim, a comicidade da prosa, sem dúvida o efeito mais vigoroso das *Memórias*, tendeu a ser apenas constatada pela crítica, que muitas vezes se limitou a tratá-la como um recurso literário multissecular, encontrável em todas as épocas e lugares, e sobretudo desvinculado do quadro social e ideológico que o sustenta. O mesmo vale para o esquema episódico da narrativa, que foi enquadrado em categorias genéricas de classificação (“picaresca”, “romance de costumes”) ou tomado como defeito (“descosimento”, “falta de unidade”). Também aqui pouco se investigou o sentido histórico da composição episódica para além de seu vínculo com a tradição das convenções literárias. A exceção notável é o ensaio clássico de Antonio Candido, que investigou as determinações histórico-sociais dos elementos que compõem a forma própria das *Memórias*.

O presente estudo busca prosseguir nessa direção, sugerindo que os elementos da narrativa compõem um conjunto governado por uma lógica específica, que tem correspondência no plano da realidade histórica. A matéria brasileira, não sendo um material inerte, transmite algo de sua dinâmica para a movimentação da narrativa; ou melhor, a formalização literária, se for consistente, potencializa os traços estruturantes da experiência brasileira, tornando-a mais palpável e revelando-a em aspectos imprevistos. Buscaremos, aqui, apontar a força de revelação das *Memórias* examinando as peculiaridades da narrativa enquanto configuradoras de uma forma, a qual não é evidente nem inefável, ou seja, não dispensa a investigação de suas determinações nem se esquiva ao esforço de nomeação, podendo ser conceitualizada nos próprios termos do romance.

Desse modo, este trabalho procura mostrar que, no eixo que dá maior consistência às *Memórias*, encontram-se relações interpessoais fortemente marcadas por rixas, rivalidades, vinganças entre personagens, definindo algo como um espírito rixoso

generalizado. Com seu caráter sistemático, esses relacionamentos impulsionam a movimentação do enredo e têm implicações em diferentes aspectos da construção narrativa, ao mesmo tempo em que apreendem na figuração alguns efeitos práticos da organização social brasileira.

Longe de restringir-se à dimensão meramente temática, a lógica rixenta das relações funciona como um princípio formal abrangente, articulando-se ao modo de representação, à comichidade e às oscilações da prosa, bem como à dinâmica das ações e à segmentação episódica. Centralmente, o movimento de reviravoltas sucessivas do enredo é determinado pelo padrão rixoso de comportamento, que estiliza no plano literário uma modalidade de relacionamento vigente nas práticas sociais efetivas. Enquanto princípio organizador predominante, o espírito rixoso cumpre papel mediador decisivo, revelando o enraizamento da forma literária na matéria histórico-social brasileira, a que se liga a particularidade da obra.

A experiência histórica brasileira apreendida nas *Memórias* tem ressonâncias até hoje, e por isso cabe mencionar uma questão de fundo que orienta o trabalho. Mais de cento e cinquenta anos após sua publicação, o que o romance de Manuel Antônio ainda teria a nos dizer? Sem desconhecer o fato de que circunstâncias cruciais se modificaram de lá para cá, pode-se sugerir a atualidade das *Memórias* através da análise de sua construção interna e do lastro material de sua forma. O recuo do olhar para o passado com intuito alusivo ao presente é constitutivo do enfoque narrativo das *Memórias* – e assim também este trabalho pretende apontar alguns elementos daquela experiência histórica (objetivada no romance) que ainda se mostram significativos para o nosso presente.